

Ano 6, Vol X, Número 1, Jun-Jul, 2013, Pág. 202-225.

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL, SUSTENTABILIDADE E QUALIDADE DE VIDA DE HABITANTES DO AMAZONAS (INCLUSIVE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS)

Suely Mascarenhas, Tânia Brasileiro, Cristian Martins, Gilvânia Braule, Rosenir Lira,

Heron Salazar Costa & Antônio Roazzi.

Resumo: O texto apresenta indicadores relacionados à consciência ambiental, de inserção socioeconômica e sustentabilidade de habitantes do Amazonas. É resultado de pesquisas apoiadas pelo CNPq e FAPEAM. Recorreu-se a uma amostra de n=1318 participantes de diferentes cenários do estado que responderam a questionário próprio com questões socioeconômicas e informações associadas à consciência ambiental e atitudes de sustentabilidade. Os resultados indicam medidas positivas de consciência e compromisso ambiental e sustentabilidade. Por outro lado, revelam modestos indicadores de exercício da cidadania e inserção socioeconômica.

Palavras – chave: Consciência ambiental, sustentabilidade, exercício da cidadania, inserção socioeconômica.

ENVIRONMENTAL AWARENESS, SUSTAINABILITY AND QUALITY OF LIFE OF INHABITANTS OF THE AMAZON (INCLUDING TRADITIONAL PEOPLES AND COMMUNITIES)

ABSTRACT: The text presents indicators related to environmental awareness, social insertion and sustainability of inhabitants of the Amazon. Is the result of research supported by CNPq and FAPEAM. Resorted to a sample of n = 1318 participants of different scenarios of the State who responded to questionnaire itself with socio-economic issues and information related to environmental awareness and attitudes to sustainability. The results indicate positive measures of awareness and environmental commitment and sustainability. On the other hand, reveal modest indicators of exercise of citizenship and social inclusion.

Keywords: Environmental awareness, sustainability, citizenship, socioeconomic insertion.

Introdução

O propósito deste artigo é apresentar uma primeira aproximação ao conhecimento aportado por dados e informações levantadas por pesquisa que estamos empreendendo no contexto amazônico, enfatizando aspectos associados ao exercício da cidadania, inserção socioeconômica e conseqüente bem estar psicossocial.

A compreensão das causas do que é visto como real inclui a compreensão das raízes históricas e culturais desta realidade. Quais as raízes históricas e culturais da Região que hoje é conhecida como Amazônica?

Evidencia-se o contexto amazônico onde as circunstâncias geográficas e histórico-culturais que caracterizam a região provocaram a consolidação de um “abismo” histórico e econômico entre os indicadores de outras regiões nacionais e a local.

Enfatizaremos, pelas limitações deste texto introdutório, aspectos associados ao cenário econômico, de consciência ambiental e exercício da cidadania no cenário do Estado do Amazonas.

Iniciamos com uma breve revisão de literatura para situar histórica e culturalmente o trabalho, por concordarmos sobre o fato de que

Refletir adequadamente sobre a Amazônia Legal exige lidar com a sua importância no plano nacional. Ela abrange nove dos 25 estados do Brasil e corresponde a aproximadamente 61% do território nacional. A sua importância como reserva de matérias-primas capazes de dar suporte parcial ao desenvolvimento nacional não pode ser ignorada. Não existe quem questione a riqueza mineral, a biodiversidade e o potencial hídrico da região. As suas potencialidades aguçavam os interesses dos colonizadores portugueses e espanhóis e de viajantes de outras nacionalidades que há séculos passaram pela região e nela tentaram se estabelecer. Diretamente, o Bioma Amazônia (mais extenso do que a Amazônia Legal brasileira) engloba, além dessa grande parcela do Brasil, partes da Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela e o território da Guiana Francesa (um estado francês). Além disso, bioma e região têm importância global, na medida em que contribuem para a regulação da emissão de carbono na atmosfera e abrigam um grande número de espécies da fauna e flora. A bacia do rio Amazonas tem cerca de 20% da água doce do planeta (FRANCHI; BURSZTYN & DRUMMOND, 2011, p.22)

A relevância da discussão sobre o atual desenvolvimento socioeconômico e conservação de recursos naturais no Brasil se dá por vários motivos, mas, sobretudo, pelo fato do país ainda ser o detentor de grandes áreas cobertas com vegetação nativa, o

que o transforma em um dos mais importantes detentores de recursos ambientais do planeta e, em especial, a reflexão sobre a realidade amazônica que ostenta os menores indicadores de inserção sócio-econômica e exercício da cidadania do Brasil (dados presentes na maioria das cidades e localidades do interior, excluindo-se o Estado de Rondônia, onde a conservação ambiental não foi evidenciada nos últimos 40 anos e promoveu um desenvolvimento diferenciado em comparação com os estados vizinhos).

Além dessa particularidade, vale registrar que no Brasil a relação entre desenvolvimento e conservação ambiental remete a outras questões fundamentais para a sociedade. Em especial, no cenário do interior Amazônico, onde os indicadores de inserção socioeconômica e exercício de cidadania são extremamente desfavoráveis em comparação com os mesmos indicadores de outras regiões do país.

Do ponto de vista econômico, o princípio da escassez é o fundamento da ciência econômica. Somente em razão da escassez dos recursos, diante das amplas e variadas necessidades a que devem atender, é que se justifica a preocupação de assegurar que sejam utilizados de forma racional e eficiente, sendo este o princípio básico da economia (HOLANDA, 1980).

Numa revisão sobre o conceito de economia, Holanda (1980) refere que esta pode ser definida como a ciência que estuda o comportamento humano como toda relação entre fins e meios escassos que tem usos alternativos, sendo a ciência social que se ocupa da administração de recursos escassos. Tendo a economia as seguintes características básicas: (i) o objetivo de satisfazer as necessidades humanas; (ii) a escassez de recursos e (iii) orientar a gestão dos recursos.

Segundo Holanda (1980), a propriedade que os objetos materiais e serviços têm de satisfazer desejos humanos, denomina-se utilidade. Os objetos ou serviços que possuem utilidade são considerados bens do ponto de vista econômico. Deste modo, os bens que existem em quantidades superiores às necessidades humanas, são considerados bens livres como, por exemplo, o ar atmosférico, estando fora do âmbito da economia. Já os bens escassos, ou disponíveis em quantidade limitada, são entendidos como bens econômicos. Para estar no âmbito econômico, não basta que o bem ou serviços sejam úteis, se faz necessário que sejam escassos. Ex: O petróleo e a água.

Qualquer economia sustenta-se nos fatores de produção que se caracterizam pelo conjunto de recursos passíveis de utilização na complexa tarefa de satisfazer as necessidades humanas.

Tais fatores são: (a) os recursos naturais obtidos da natureza tais como água, minérios, solo; (b) o trabalho, que é representado por toda atividade humana, seja do ponto de vista físico ou intelectual e, (c) capital, entendido pelo conjunto de todos os bens materiais produzidos pelo homem e acumulados, sendo agora utilizados para a produção de outros bens (HOLANDA, 1980).

O estoque de fatores, os agentes produtivos organizados em instituições ou empresas formam o sistema econômico, sustentado em aspectos políticos, social e legal próprio. Por um lado, existe o sistema capitalista onde interagem a propriedade privada e os fatores de produção movidos pela iniciativa privada em busca do lucro. Por outro lado, existe ainda o sistema socialista onde as decisões são planejadas e controladas pelo estado. Diante dos desafios sociais, na atualidade a maioria dos países registra o sistema misto, onde se adota os princípios da livre empresa e intervenção governamental. È o caso do Brasil.

Em qualquer sistema econômico, os problemas básicos são: O que produzir? Quais bens e serviços diante das diferentes possibilidades e alternativas? Com produzir? Como combinar os fatores de produção? Qual a razão de utilizar mais mão de obra e menos capital? E para quem produzir? Para quem serão vendidos os bens e serviços produzidos? (HOLANDA, 1980). Por outro lado, qual é o mercado consumidor? Ora, a renda distribuída determina a demanda por bens e serviços. Como se caracteriza uma sociedade de baixa renda em termos econômicos?

O Estado do Amazonas tem uma das áreas de floresta amazônica menos devastada (apenas 2%), pois sua vocação econômica foi conduzida para, por exemplo, principal e exclusivamente, o pólo industrial de Manaus, a partir da criação da zona Franca de Manaus em 1967. Os governos têm procurado incentivar o chamado desenvolvimento sustentável, voltando-se para a preservação do legado ecológico. A valorização do manejo da floresta como fonte de renda contribuiu para que o Amazonas enfrentasse o desafio de reduzir o desmatamento. A Capital Manaus, registra o IDH 0,780 e concentra mais de 98% da renda do estado. Entretanto, os outros 61 municípios localizados no interior disputam menos de 2% da receita do estado e registra IDH

considerados médios e baixos, por exemplo: Canutama, Humaitá, Lábrea, Novo Aripuanã, Manicoré e Apuí, municípios localizados na região sul do Amazonas.

Historicamente, embora já passados quase 200 anos da anexação do então Vice-Reino de Portugal, Grão Pará ao Brasil (1823-1840), pelos atuais indicadores desfavoráveis, seria possível averiguar a hipótese de que ainda a Região Amazônica receba tratamento como se fora colônia do Brasil e não mais de Portugal? Do ponto de vista jurídico, a região do Grão Pará passou a integrar o Estado Brasileiro a partir de 1823-1840 e, desde então, gozaria dos mesmos direitos jurídicos dos demais entes federados. Sendo uma garantia do ponto de vista jurídico (tratamento igual a todos os brasileiros e, a partir de 1823-1840 os habitantes da região passam a ser brasileiros), como explicar a imensa defasagem nos indicadores educacionais, habitacionais, de saneamento básico, segurança, saúde, lazer em suas cidades, vilas e comunidades? O que seria de fato a cidadania amazônica? Uma cidadania marginal? Teria a região uma inclusão marginal ao Estado Brasileiro?

Segundo Santos (2013), a Amazônia, ao longo de sua história, tem assistido passivamente à exploração de suas riquezas para atender a interesses econômicos alheios a seu território e sua população. Assim foi com o ciclo da borracha no final do século passado, que, com a decadência, apenas deixou como herança - em Belém e Manaus - o fausto arquitetônico daquela época e a riqueza de parte de suas elites, que bem atenderam aos controladores do processo de exploração. Seria o caso da zona Franca de Manaus, que se tornou em muitos casos, exemplo de exploração de mão de obra barata para multinacionais que, em busca de lucros, instalaram montadoras de equipamentos eletro eletrônicos para abastecer o mercado do sudeste e sul do Brasil? O que torna Manaus o 4º PIB nacional (concentrando mais de 98 reais a cada 100 reais do estado) e as demais cidades do interior (que juntas vivem com menos de 2 (dois) reais de cada 100 reais que circulam no estado do Amazonas) situam-se abaixo da linha da pobreza, abandonadas à sua sorte, utilizando energia a diesel, sem serviços de saneamento básico e sequer água tratada para suas populações?

É o que ocorre historicamente com o cenário amazônico, onde se encontra presente a violência do processo de subjugar economicamente as regiões pobres, ou em desenvolvimento do mundo e, neste contexto, a Amazônia adquire uma pintura mais

trágica, pela imensidade de seu território, pela sua biodiversidade e pela riqueza de seu subsolo. Santos (2013, np)., se refere que

a mudança desse trágico destino histórico da Amazônia só será possível quando a conscientização de sua sociedade possibilitar ações que exijam de seus governos a atuação política, que, sem afugentar os investimentos, crie condições para um processo econômico socialmente mais aceitável.

Sobre os antecedentes históricos do processo de colonização deste território amazônico pelos europeus, registra-se que:

Desde 1772, a Coroa portuguesa dividiu a região em duas unidades administrativas autônomas e distintas, o Estado do Grão-Pará e Rio Negro e o Estado do Maranhão e Piauí. Segundo Márcio Souza, foi após a Independência do Brasil, entre 1823 e 1840, que a “região norte sofreu a intervenção política e militar do Império do Brasil. Perdeu suas lideranças históricas e deixou de ser uma administração colonial autônoma para se transformar numa fronteira econômica” (SOUZA, 2001, p. 92). A ocupação humana da região ainda era incipiente na segunda metade do século XIX, tanto pelas perdas catastróficas de populações indígenas quanto pelo fraco afluxo de colonos europeus em geral, e de portugueses em particular. Weinstein (1998, p. 73) mostra isso ao descrever Manaus, capital da província do Amazonas, como um “entrepasto de menor importância, com apenas 5.000 habitantes em 1870. (FRANCHI; BURSZTYN & DRUMMOND, 2011, p.23).

Qual a razão para que a população amazônica não disponha dos recursos naturais de seu território para promover o seu pleno desenvolvimento e bem-estar? Para quem estariam sendo poupados os recursos naturais da região? Deve-se dar crédito ao que *autores como Brand e Görg apontam que a questão da ingerência dos países desenvolvidos nos recursos naturais dos países não desenvolvidos gira em torno, não de uma preocupação sobre o meio ambiente em si, mas sim sobre quem pode usar tais recursos* (BRAND; GÖRG, 2003).

A identidade da vida em comunidades no cenário amazônico permeia um leque de práticas, regras e saberes tradicionais próprios.

Nestas regras de cooperação simples entre unidades familiares, cujos critérios encontram-se apoiados num “conhecimento tradicional”. O termo “tradicional” está sendo aqui relativizado e não está ligado a noções como “atraso”, “primitivo”, “artesanal” e “rudimentar”. Essas noções têm sido utilizadas de maneira depreciativa para classificar povos e as práticas da denominada “agricultura de subsistência”. As chamadas “roças”, segundo Almeida (2006), estão relacionadas diretamente a um certo modo de vida e envolvem mais do que relações ecológicas e econômicas, fixando um padrão cultural que compreende um repertório de ráticas específicas. Elas constituem “uma referência essencial que sedimenta as relações intrafamiliares e entre diferentes grupos familiares, além de assegurar um caráter sistêmico à interligação entre os povoados” (ALMEIDA, 2006, p. 51)

Estudos especializados

(...) têm demonstrado como a valorização das regiões rurais tem de fato orientado o movimento geral da sociedade moderna. O meio rural corresponde a ¼ da população dos países ricos e talvez em proporções maiores nos países em desenvolvimento (ABRAMOVAY, 2003, p. 11-13; VEIGA, 2002). Nestes, especialmente o mundo rural não se restringe apenas à produção agrícola, mas se estende a um leque variado de atividades relacionadas a serviços e comércio, formando assim um cenário diverso, bem diferente do imaginário presente no senso comum que vê a área rural composta apenas por atividades diretamente relacionadas à agricultura (CAÑETE, 2011, p.148).

Por outro lado,

As linhas de pensamento que estudam o campesinato apresentam análises sobre formas camponesas específicas. O processo histórico representa fator importante nessa configuração. Nesse sentido, Ellen Woorttmann afirma que “[...] O camponês latino-americano é pensado a partir do modelo de dominação colonial hispânico ou luso, tal como o camponês europeu era pensado a partir da totalidade representada pelo feudalismo” (WOORTTMANN, E., 1995, p. 42). A visão econômica clássica argumenta que a economia camponesa daria lugar às relações econômicas capitalistas da sociedade envolvente, ou seja, o camponês sofreria um processo de proletarianização. A história não confirmou essa inferência,

mas mostrou que o Estado foi o responsável pela inserção do camponês no mercado quando este não conseguia fazê-lo por seus próprios meios. (CAÑETE, 2011, p.169).

Foi para colaborar com o aporte de informações sistematizadas que apoiem no processo de explicar histórica e culturalmente os indicadores de qualidade de vida, cidadania e inserção socioeconômica dos habitantes do Amazonas, que esta pesquisa justifica sua realização. Este trabalho introdutório tem como objetivo aportar novos conhecimentos sistematizados na temática pesquisada de modo preliminar para uma aproximação à compreensão deste cenário histórico-cultural com modestos indicadores de exercício de cidadania brasileira e inserção socioeconômica, o que remete à responsabilização do Estado Nacional por ações e omissões que condicionaram e condicionam esta realidade.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa, até esta fase, n=1318 habitantes do estado do Amazonas, distribuídos em 8 (oito) municípios: Humaitá 18,8%, Manicoré 22,4%, Lábrea 17,8%, Manaus 24,3%, Benjamin Constant 11,3%, Tabatinga 3,6%, Novo Aripuanã 1,8% e Tapauá 0,1%. Dos que participaram deste estudo, 57,7% são do sexo feminino e 41,3% do masculino. Etnia informada: 32% branca, 13% negra, 16,1% indígena e 38,9% outra. 67,7% são solteiros, 18,5% casados, 1,8% divorciados, 11,5% vivem em união estável e 0,5% são viúvos.

Quanto à renda familiar, 28,5% não possuem renda fixa; 22,2% dispõem de até 1 salário mínimo; 24,2% de 1 a 2 salários mínimos; 11,5% de 2 a 3 salários mínimos; 6,1% de 3 a 5 salários mínimos e 7,5% dispõem de mais de 5 salários mínimos.

Quanto à suficiência da renda para as necessidades familiares, 36,5% informaram que sim. 31,9% afirmam que atende em parte e 30,6% deles que a renda familiar não atende às necessidades da família.

No que se refere à habitação, 83,3% referem possuir casa própria, 9,7% vivem em casa alugada e 7,0% dos pesquisados dizem ser cedida. Sendo que o tipo de construção: 46,3% alvenaria, 43,2% madeira e 10,6% mista. O número de cômodos em

98% dos casos varia entre 1 (hum) (4,4%) e 10 (1,8%), sendo que 21,5% das habitações possuem 5 (cinco) dependências, 15% 6, 17,4% 4, 15,8% 3, 5,9% 2, 6,2% 7,2% 8 e 1,8% 9 dependências. Destaca-se que somente 41,4% dos participantes responderam de modo válido á questão, sendo que 58,6% não a responderam.

Dos participantes que responderam à questão (41,4%), 1,3% informaram que a habitação não possui banheiro interno. Sendo que 98,7% sim. Quanto à existência de sanitário interno na habitação, 91,4% informaram que sim e 8,6% não. Destaca-se que à esta questão somente 18,5% dos participantes responderam. 81,5% não responderam.

Quanto à moradia possuir água encanada, 87,9% informou que sim e 12,1% que não. No que se refere à origem da água utilizada pela família, 10,7% do rio, 42,1% poço, 3,8% chuva e 43,4% da companhia de abastecimento da prefeitura.

No que se refere à existência de fossa na moradia, 79,1% informaram que sim e 20,3% que não. Sendo que destas, 18,9% são com tampa em madeira, 81,1% asséptica em alvenaria. Ao item referimos que 53,1% dos participantes responderam à questão enquanto 46,9% não responderam. 98,3% das moradias dispõem dos serviços de energia elétrica e 1,7% não. Dos que contam com o fornecimento de energia elétrica, 67,4% é por 24h as demais moradias contam com o fornecimento por um período diário que varia entre 1 h e 12 h.

Quanto a escolaridade, 24,2% possui o ensino médio, 29,8% está cursando o ensino superior e 3,3% possui curso de graduação, sendo que destes, 2,4% possui pós-graduação. O acesso à educação profissional não foi possível para 55,9% dos participantes, entretanto, 44,1% responderam que sim.

Quanto à prevenção e tratamento de saúde junto a instituições oficiais, 49,8% já visitaram médicos; 50,2% não. 58,6% já foram a dentistas; 41,4% não. Quando à saúde mental e psicológica, 21,9% informaram que já visitaram psicólogos enquanto que 78,1% não.

Instrumento

O instrumento utilizado para obtenção dos dados apresentados e discutidos neste texto foram obtidos a partir da aplicação do *Questionário Representações/Expectativas quanto a mudanças climáticas/meio ambiente* (MASCARENHAS & COSTA, 2011),

constituído por 7 itens, organizados numa escala formato Likert de 5 pontos: Totalmente em desacordo (absolutamente não); 2. Bastante em desacordo (não); 3. Nem de acordo, nem em desacordo (mais ou menos) 4. Bastante de acordo (sim); 5. Totalmente de acordo (absolutamente sim) e 1 item aberto para uma resposta livre sobre o tema em avaliação. Os participantes responderam também a um questionário com dados de identificação e informações associadas aos indicadores de cidadania e inserção sócio econômica, comum a todas as dimensões da pesquisa.

Procedimento de coleta de dados

Os dados foram coletados em diversos contextos institucionais e comunitários. O instrumento foi aplicado por pesquisadores experientes de modo anônimo e aleatório, a pessoas acima de 18 anos que tenham domínio da leitura e da escrita, considerando que o instrumento aplicado exige domínio da leitura e interpretação de textos. Foram observados procedimentos éticos vigentes. O tempo variou dentre 15 e 20 minutos, considerando o preenchimento do questionário sócio cultural.

Procedimento de análise de dados

Os dados coletados foram enviados à coordenação da pesquisa e recebeu tratamento estatístico com o apoio do programa SPSS (Versão 15.0, em espanhol), no LAPESAM/UFAM/Humaitá, com o apoio de pessoal treinado sob a supervisão da coordenadora. São apresentados resultados descritivos da pesquisa notadamente, frequência, média e desvio padrão por item e dimensão de interesse neste estudo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Apresentamos e discutimos em seguida aspectos associados à consciência ambiental no que se refere à destinação dada a resíduos domésticos e comunitários bem como iniciativas de sustentabilidade, utilizando-se das oportunidades de uso dos recursos ambientais da residência/comunidade.

Com relação ao item relativo à *destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros)* são enterrados. 161 (37,6%) dos participantes com respostas válidas, assinalaram que *são totalmente em desacordo*; 62 (14,5%) que *estão bastante em desacordo*; 105 (24,5%) *não estão nem de acordo nem em desacordo*; 52 (12,1%) *estão bastante em acordo* e 48 (11,2%) *estão totalmente de acordo*.

Quadro 1 - Destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros) são enterrados n=428 participantes com respostas válidas, habitantes do Amazonas 2013.

Respostas ao item		Frequência	% Válida	% Acumulada
Válidos	Totalmente em desacordo (absolutamente não)	161	37,6	37,6
	Bastante em desacordo (não)	62	14,5	52,1
	Nem de acordo, nem desacordo (mais ou menos)	105	24,5	76,6
	Bastante em acordo (sim)	52	12,1	88,8
	Totalmente em acordo (absolutamente sim)	48	11,2	100,0
Total		428	100,0	

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPEAM/2013.

Conforme se observa no quadro 2 abaixo, a destinação dos resíduos para a venda se verifica nas seguintes medidas: 84 (19,7%) dos participantes com respostas válidas, responderam totalmente em desacordo; 40 (9,4%) bastante em desacordo; 105 (24,6%) Nem de acordo, nem em desacordo; 80 (18,8%) bastante em acordo e 117 (27,5%) totalmente em acordo.

Quadro 2: A destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros) são reaproveitados e-ou vendidos.

Respostas ao item		Frequência	% Válida	% Acumulada
Válidos	Totalmente em desacordo (absolutamente não)	84	19,7	19,7
	Bastante em desacordo (não)	40	9,4	29,1
	Nem de acordo, nem desacordo (mais ou menos)	105	24,6	53,8
	Bastante em acordo (sim)	80	18,8	72,5
	Totalmente em acordo (absolutamente sim)	117	27,5	100,0
Total		426	100,0	

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPEAM/2013.

Quanto à destinação de queimar e deixar os resíduos em uma parte qualquer do terreno verifica-se os indicadores descritos no quadro 3: 212 (50,2%) dos participantes com respostas válidas *estão totalmente em desacordo*; 50 (11,8%) *bastante em desacordo*; 89 (21,1%) *não são nem de acordo, nem em desacordo*; 30 (7,1%) *bastante de acordo* e 41 (9,7%) *totalmente de acordo*.

Quadro 3 - Destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros) são queimados e deixados sobre uma parte de terreno qualquer, n=422 participantes com respostas válidas, habitantes do Amazonas.

Respostas ao item		Frequência	% Válida	% Acumulada
Válidos	Totalmente em desacordo (absolutamente não)	212	50,2	50,2
	Bastante em desacordo (não)	50	11,8	62,1
	Nem de acordo, nem desacordo (mais ou menos)	89	21,1	83,2
	Bastante em acordo (sim)	30	7,1	90,3
	Totalmente em acordo (absolutamente sim)	41	9,7	100,0
Total		422	100,0	

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPEAM/UFAM, 2013.

Quanto à destinação de queimar e deixar os resíduos em uma parte separada do terreno verifica-se os indicadores descritos no quadro 4: 169 (39,6%) dos participantes com respostas válidas estão *totalmente em desacordo*; 65 (15,2%) *bastante em desacordo*; 88 (20,6%) não são *nem de acordo, nem em desacordo*; 58 (13,6%) *bastante de acordo* e 47 (11%) *totalmente de acordo*.

Quadro 4 - Destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros) são queimados e deixados sobre um terreno separado, n=427 participantes com respostas válidas, habitantes do Amazonas, 2013.

Respostas ao item		Frequência	% Válida	% Acumulada
Válidos	Totalmente em desacordo (absolutamente não)	169	39,6	39,6
	Bastante em desacordo (não)	65	15,2	54,8
	Nem de acordo, nem desacordo(mais ou menos)	88	20,6	75,4
	Bastante em acordo (sim)	58	13,6	89,0
	Totalmente em acordo (absolutamente sim)	47	11,0	100,0
Total		427	100,0	

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM, 2013.

Quanto à destinação de queimar e deixar os resíduos são reaproveitados e/ou vendidos, verificam-se os indicadores descritos no quadro 5: 84 (19,7%) dos participantes com respostas válidas estão *totalmente em desacordo*; 40 (9,4%) *bastante em desacordo*; 105 (24,6%) não são *nem de acordo, nem em desacordo*; 80 (6,1%) *bastante de acordo* e 117 (27,5%) *totalmente de acordo*.

Quadro 5: Destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros) são reaproveitados e/ou vendidos, n=426 habitantes com respostas válidas do Amazonas, 2013.

Respostas ao item	Frequência	%	
		Válida	Acumulada
Totalmente em desacordo (absolutamente não)	84	19,7	19,7
Bastante em desacordo (não)	40	9,4	29,1
Nem de acordo, nem desacordo (mais ou menos)	105	24,6	53,8
Bastante em acordo (sim)	80	18,8	72,5
Totalmente em acordo (absolutamente sim)	117	27,5	100,0
Total	426	100,0	

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM, 2013.

No quadro 6, registram-se os indicadores de medidas descritivas quanto à destinação dos resíduos das famílias/comunidades participantes com respostas válidas, da pesquisa onde se constata que à resposta *são enterrados* n=428, M=2,44; DP=1,38; *são queimados* n=427, M=2,39; DP=1,40; *são reaproveitados e/ou vendidos* n=426, M=3,24; DP=1,45; *são queimados ou deixados em um terreno separado* n=427, M=2,41; DP=1,40 e *são queimados e deixados em uma parte qualquer do terreno* n=422, M=2,14; DP=1,36.

Quadro 6 - Estatística descritiva: média e desvio padrão os itens associados ao ambiente quanto à destinação dada aos resíduos (sobras de alimentos, papéis, latas, vasilhames de plástico, alumínio, vidros, dentre outros) participantes com respostas válidas, pesquisa Amazonas, 2013.

Respostas ao item	N	Mínimo	Máximo	Média	Desv. típ.
<i>São enterrados</i>	428	1,00	5,00	2,44	1,38
<i>São queimados</i>	427	1,00	5,00	2,39	1,40
<i>São reaproveitados e-ou vendidos</i>	426	1,00	5,00	3,24	1,45
<i>São queimados e deixados sobre um terreno separado</i>	427	1,00	5,00	2,41	1,40
<i>São queimados e deixados sobre uma parte de terreno qualquer</i>	422	1,00	5,00	2,14	1,36

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM, 2013.

No quadro 7, registramos os comentários associados à destinação dos resíduos. Os resultados apontam diversidade de práticas e revelam insuficiente estrutura pública para atender esta necessidade de cuidado e respeito com o ambiente por parte do poder público.

Quadro 7- Gostaria de comentar sobre a destinação dos resíduos?

Respostas ao item aberto do instrumento de coleta de dados
<i>A destinação atualmente dada é extremamente prejudicial ao meio ambiente</i>
<i>a maioria dos resíduos ficam jogados em terrenos a céu aberto</i>
<i>A maioria vão pro lixão à céu aberto da cidade.</i>
<i>Acho que se queirmos e enterrarmos os resíduos não fará bem ao meio ambiente</i>
<i>Aqui em Tabatinga é uma vergonha porque eles jogam em qualquer local.</i>
<i>Deveria haver coleta seletiva e a partir daí separa o que é para ser reaproveitar</i>
<i>Deveria ter incentivo à coleta seletiva.</i>
<i>Deveria ter um lugar apropriado para isso</i>
<i>Existem coletas específicas para isso</i>
<i>Falta locais adequados para o recolhimento do material que pode ser reciclado ou reutilizado.</i>
<i>Gostaria que eles encontrassem outro lugar para jogar o lixo.</i>
<i>Moro na comunidade onde não passa carro de lixo a opção é a queimar</i>
<i>Muitas vezes os resíduos são jogados nas ruas pelos moradores</i>
<i>Muito irregular</i>
<i>Não é de qualidade</i>
<i>Nós damos aos animais como galinhas e porcos.</i>
<i>O lixão é dentro da cidade de Benjamin Constant.</i>
<i>O lixo deveria ser enterrado.</i>
<i>Os resíduos são enterrados</i>
<i>Poderia ser melhor destinado se houvesse estrutura para isso.</i>
<i>Precisamos ter locais adequados.</i>
<i>Queima e deixa em uma parte do terreno</i>
<i>Reaproveitamento de resíduos seria uma opção</i>
<i>Reciclagem seria ótimo</i>
<i>São plásticos, alumínio, vidros etc.</i>
<i>Seria jogado fora bem mais longe de casa</i>
<i>Sobras de alimentos, adubo, coleta seletiva.</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM, 2013.

Dos comentários registrados no quadro 7, constata-se diversidade de representações associadas à consciência ambiental e de cidadania ambiental. O que remete à necessidade de ampliar a pesquisa para conhecer com mais propriedade os problemas na área em especial no que se refere à responsabilidade do Estado para com a limpeza pública e a educação ambiental coletiva.

Ao item “Em sua casa ou comunidade são cultivadas verduras em hortas domésticas ou comunitárias”, n=391 (29,7%) participantes responderam ao item. Destes, 88 (22,5%) informaram que sim e 303 (77,5%) informaram que não. Todavia, a pesquisa contou com n=1318 participantes, sendo que n=927 (70,3%) não responderam ao item.

Verificamos nos quadros 8 e 9 a seguir, a caracterização da produção de hortas e pomares domésticos e comunitários, informada pelos participantes da pesquisa.

Quadro 8 - Se sim, que plantas são cultivadas?

<i>Abacate, beribá, coco, etc.</i>
<i>Açaí, tucumã, cupuaçu</i>
<i>cebola e cheiro verde</i>
<i>Cebola, couve, tomate, urucu</i>
<i>Cheiro-verde, alface, couve e maxixi</i>
<i>Cheiro verde, pimenta doce, couve</i>
<i>Goiaba, cupuaçu</i>
<i>Laranja, tamarindo, cheiro verde, tomate, manga</i>
<i>Legumes</i>
<i>Macaxeira</i>
<i>Manga, ingá e goiaba</i>
<i>Manjerição, pimenta, alecrim</i>
<i>Pimentão, macaxeira, banana</i>
<i>Tomate, Cereja, Alface e Salsinha</i>
<i>Vassourinha, mastruz, cubiu, macaxeira, buriti, coco, manga, goiaba, jambo.</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM, 2013.

Quanto ao jardim doméstico, 66 (17%) das respostas válidas, informaram que sim e 322 (83%) que não. 70,6% (930) participantes não responderam ao item. No que se refere ao pomar doméstico ou comunitário, 63 (16,2%) dos participantes com respostas válidas, afirmaram que sim, possuem. 326 (83,8%) que não possuem. 929 (70,5%) não responderam ao item.

Quadro 9 - Se sim, que plantas ou árvores frutíferas são plantadas?

<i>Acerola</i>
<i>Babosa, cidreira</i>
<i>Bananeiras e laranjeiras</i>
<i>Caju acerola e abacate</i>
<i>Caju, manga</i>
<i>Cebola, chicória, pimenta cheiro-verde</i>
<i>Coco</i>
<i>Couve, tomate</i>
<i>Cupuaçu, Araça, graviola</i>
<i>Flores árvores frutíferas</i>
<i>Girassol, roseiras</i>
<i>Goiaba, laranja e outras</i>
<i>Ingá, beribá, jambo, etc.</i>
<i>Jambo, cacau, goiaba e etc.</i>
<i>Laranja, limão, maga, etc.</i>
<i>Laranja e abacate</i>
<i>Laranja, banana, acerola, limão, goiaba, cupuaçu, maracujá e mamão.</i>
<i>Laranja, Ingá, Cupuaçu, Carambola, Açaí etc.</i>
<i>Laranja, manga, goiaba.</i>
<i>Lima, limão, banana e etc.</i>
<i>Mamão</i>

<i>Manga</i>
<i>Mangueira e mamoeiro</i>
<i>Mangueiras, goiabeiras, coqueiros e outras</i>
<i>Mangueiras, jambeiro</i>
<i>Maracujá, cupuaçu, caju</i>
<i>None e laranja.</i>
<i>Palmeiras, roseiras</i>
<i>Plantas rasteiras, rosas</i>
<i>Rosas e onze horas</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM, 2013.

À pergunta: “O excedente é vendido para melhorar a renda familiar?” 49 (15,6%) responderam que sim. 260 (84,4%) dos participantes com respostas válidas responderam que não. Em seguida, registramos nos quadros 10a, 10b, 10c e 10d os comentários de participantes quanto à suficiência da renda familiar para suprir as despesas básicas da família.

Quadro 10a - Comentários quanto à suficiência da renda face às necessidades da família – Habitantes do Amazonas, 2013.

<i>A ajuda do governo é mínima não dá para cobrir nossas necessidades</i>
<i>A família é pequena</i>
<i>A gente planta, pesca e caça para poder ter comida em casa.</i>
<i>A gente tem muito pouco</i>
<i>A gente vive da agricultura para o consumo, caça e pesca . Não temos o suficiente para comprar as coisas da cidade</i>
<i>A renda não supre todas as contas.</i>
<i>A renda não supre todas as necessidades da família</i>
<i>Alguns meses sempre tem alguma dificuldade</i>
<i>Aluguel, alimentação e Transporte</i>
<i>Aproveitamos como dá.</i>
<i>Aquilo que ganho com a venda de artesanato, não cobre as despesas que temos em casa.</i>
<i>As necessidades são maiores do que aquilo que ganho.</i>
<i>Às vezes falta comida na minha casa.</i>
<i>Às vezes ficamos sem nada em casa</i>
<i>às vezes sim, às vezes não, porque tem muita gente, além do que tem para comprar comida.</i>
<i>Cada dia mais o dinheiro tá ficando pouco</i>
<i>Com menos de um salário mínimo não dá para sobreviver.</i>
<i>Custo de vida muito caro atualmente</i>
<i>Dá para fazer pouca coisa.</i>
<i>Dá para manter a casa</i>
<i>Dá para nos manter.</i>
<i>Dá para sobreviver</i>
<i>Da para suprir as nossas necessidades</i>
<i>Depende do gasto do mês.</i>
<i>Devido ao fato de às vezes precisarmos de dinheiro para comprarmos remédios ou material escolar e não tenho</i>
<i>É muito pouco</i>
<i>É porque só tem três pessoas na casa.</i>
<i>É pouco pois nossa família é bastante grande, mas todos nós trabalhamos.</i>
<i>É pouco porque eu pago aluguel</i>

<i>É pouco porque só dependemos da mãe pra sobreviver aqui em Humaitá.</i>
<i>Em casa moram 6 pessoas, sendo 3 idosos e com necessidades especiais no seu medicamento, alimentação, etc. E o restante das pessoas não conseguem cobrir suas despesas mensais</i>
<i>Em casa temos comida porque agente planta, caça e pesca para o nosso consumo.</i>
<i>Em parte pois somos muitos</i>
<i>Estou desempregado</i>
<i>Eu ajudo nas despesas de casa</i>
<i>Eu ganho muito pouco</i>
<i>Falta até para o remédio.</i>
<i>Falta de salário</i>
<i>Falta dinheiro para pagar todas as contas.</i>
<i>Falta quase tudo em casa.</i>
<i>Falta se ocorre algum imprevisto</i>
<i>Falta sempre no final do mês.</i>
<i>Faltam muitas coisas</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM-2013.

Nos quadros 10^a, 10b, 10 c e 10d, verificamos representações e depoimentos que demonstram o nível de inserção socioeconômica dos participantes e as limitações financeiras e econômicas enfrentadas pelas famílias para suprir as suas necessidades de sobrevivência.

Alguns dos comentários revelam problemas de desemprego e sub-emprego o que remete à necessidade de ampliar a coleta de novos dados que venham a mensurar com maior precisão o problema sinalizado.

Quadro 10b - Comentários quanto à suficiência da renda face às necessidades da família – Habitantes do Amazonas, 2013.

<i>Há muitos anos trabalho como professora em dois turnos, porém este ano perdi uma cadeira e ficou muito difícil</i>
<i>Hoje em dia precisamos mais do que comida para viver e o que temos mal dá para comprar comida para casa.</i>
<i>Hoje conseguimos viver decentemente.</i>
<i>Manaus tem um custo de vida muito alto</i>
<i>Mas falta orçamento familiar ou organização familiar</i>
<i>Mas não dá para nada</i>
<i>Não dá pra fazer quase nada.</i>
<i>Não é muito porque ajudo a sustentar a casa dos meus pais.</i>
<i>Não é suficiente para algumas necessidades.</i>
<i>Não é suficiente porque ninguém da minha família tem trabalho remunerado.</i>
<i>Não é todo mês que encontro trabalho</i>
<i>Não falta o principal, alimento.</i>
<i>Não gasto muito.</i>
<i>Não há trabalho</i>
<i>Não mais que alimentação e mais nada</i>
<i>Não passo fome</i>
<i>Não porque é pouco.</i>
<i>Não porque nem todos têm emprego</i>
<i>Não tenho trabalho fixo.</i>
<i>Não, pois um dos meus filhos está fazendo faculdade em Manaus e tenho dificuldades para mantê-lo lá.</i>
<i>Não, por que é pouco.</i>
<i>Não, porque o que ganhamos vendendo churrasquinho é em média vinte reais por noite.</i>
<i>Não, porque somos 7 pessoas em casa e só minha mãe trabalha.</i>

<i>Nem toda vez dá.</i>
<i>Nem todos trabalham.</i>
<i>Ninguém, da família possui salário, a família se sustenta com plantação para consumo, caça e pesca.</i>
<i>Ninguém da minha família tem trabalho remunerado, vivemos de agricultura, caça, pesca para o nosso próprio consumo.</i>
<i>No momento estou desempregada</i>
<i>Nós temos que trabalhar para suprir essa renda</i>
<i>Nunca dá para fazer nada.</i>
<i>Nunca passamos por necessidades tão sérias.</i>
<i>O custo de vida em Manaus é alto</i>
<i>O custo de vida em nosso município é muito alto ,tudo é caro.</i>
<i>O dinheiro do Bolsa Família não cobre nem a metade das despesas da casa.</i>
<i>O dinheiro que meu pai ganha não dá para nada</i>
<i>O custo de vida está muito alto hoje em dia.</i>
<i>O que eu recebo não chega nem perto de um salário mínimo</i>
<i>O salário mínimo é muito baixo</i>
<i>O salário mínimo é muito pouco para pagar água, luz, remédios e outras despesas da casa.</i>
<i>O que ganho só dá para pagar as contas, porém falta para a vestimenta.</i>
<i>Os valores dos produtos aumentam muito</i>
<i>Não dá para pagar as contas</i>
<i>Está difícil pagar empréstimo da casa</i>
<i>Para coisas básicas do cotidiano.</i>
<i>Passamos apertado</i>
<i>Passamos muitas dificuldades</i>
<i>Passo dificuldades porque não tenho trabalho nem ninguém para me ajudar nas despesas.</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM-2013.

Quadro 10c - Comentários quanto à suficiência da renda face às necessidades da família – Habitantes do Amazonas, 2013.

<i>Meus pais trabalham</i>
<i>Minha casa é sustentada pelo meu filho e não dá para suprir nossas despesas.</i>
<i>Minha esposa trabalha com decoração festas para completar a renda</i>
<i>Minha profissão não tem renda fixa, por isso tudo é mais difícil.</i>
<i>Minha renda é muito pouca.</i>
<i>Minha renda varia por mês</i>
<i>Muitas contas pagar.</i>
<i>Muitas dívidas.</i>
<i>Muito baixo o salário.</i>
<i>Muito pouco dinheiro para muitas necessidades</i>
<i>Muito pouco para uma família</i>
<i>Muita despesa.</i>
<i>Na medida do possível</i>
<i>Não basta para a educação de meus filhos</i>
<i>Não dá para fazer o que precisamos.</i>
<i>Não dá para o necessário</i>
<i>Não dá para suprir porque tudo é pago com isso, não é suficiente.</i>
<i>Não dá para passar fome.</i>
<i>Porque é muito difícil o trabalho aqui em Benjamin Constant</i>
<i>Porque é muito pouco só meu marido que trabalha</i>
<i>Porque é pouco pra mim, já que os alimentos estão caros.</i>
<i>Porque é pouco.</i>
<i>Porque há muita despesa da família além do que ganho.</i>
<i>Porque meu pai recebe um salário mínimo e somos só nós dois em casa.</i>
<i>Porque minha filha tem problema de saúde</i>
<i>Porque não tenho pai</i>
<i>Porque o dinheiro não dá para o sustento, moram 5 pessoas em casa e não dá para compra o café da manhã</i>
<i>Pois o dinheiro é pouco</i>
<i>Pois o salário de professor é muito baixo</i>

<i>Por não ter renda, as crianças não estudam</i>
<i>Por que em minha casa mora somente 3 pessoas eu e meus dois netos</i>
<i>Por que dá para pagar as contas</i>
<i>Mesmo eu ajudando nas despesas da casa ainda não é suficiente.</i>
<i>Mesmo sozinho às vezes não dá.</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM-2013.

Quadro 10d - Comentários quanto à suficiência da renda face às necessidades da família – Habitantes do Amazonas, 2013.

<i>Porque o dinheiro não é suficiente para durar o mês todo e sempre falta ou acaba algo</i>
<i>Porque o pai e a Mãe tem renda fixa.</i>
<i>Porque o salário é baixo e os políticos passam a mão no nosso dinheiro.</i>
<i>Porque são muitas pessoas na família.</i>
<i>Porque são muitos os problemas financeiros</i>
<i>Porque só uma pessoa trabalha em minha casa.</i>
<i>Porque somos três pessoas em casa.</i>
<i>Pouco dinheiro.</i>
<i>Quando os preços estão razoáveis sim, mas agora não porque tudo está caro.</i>
<i>Quando tem mais coisa para fazer, não dá pra fazer tudo com o dinheiro dos pais.</i>
<i>Receber dos familiares</i>
<i>Se não fossem as nossas plantações, estaríamos passando fome.</i>
<i>Sempre as despesas passam daquilo que temos</i>
<i>Sempre economizando</i>
<i>Sempre falta muita coisa no final do mês.</i>
<i>Sim porque todos na minha casa trabalham</i>
<i>Sim, é suficiente para suprir as necessidades de todos da família.</i>
<i>Sim, sem os luxos da classe média.</i>
<i>Sim, mas alguns meses ficam apertados.</i>
<i>Sim, porque na minha família somos poucos.</i>
<i>Só dá para comprar as coisas que precisamos.</i>
<i>Só dá para suprir os alimentos.</i>
<i>Só eu trabalho.</i>
<i>Só para sobreviver</i>
<i>Sobrevivemos da caça e pesca.</i>
<i>Somente eu estou trabalhando, por isso minha renda familiar não é suficiente</i>
<i>Somente o básico, quase nunca sobra para irmos ao médico, para os estudos e para uma alimentação rica em frutas, verduras entre outros, e principalmente acesso a internet</i>
<i>Somos poucos, apenas quatro pessoas dentro de casa.</i>
<i>Sou estudante e dona de casa.</i>
<i>Sou eu e minha mãe em casa, ela é aposentada, eu sou empregado e tenho serviços de pintura em geral.</i>
<i>Supri todas as necessidades da minha família</i>
<i>Tem que se conformar ou estudar para buscar algo melhor ou puxar o saco dos grandes</i>
<i>Tenho muitos filhos e a comida hoje é caríssima.</i>
<i>Tenho muitos filhos para sustentar e pouco dinheiro para isso.</i>
<i>Tenho que me virar para sustentar meus filhos.</i>
<i>Tenho sorte pois minha mãe tem um bom emprego.</i>
<i>Tudo está muito caro, por isso o que eu ganho não dá para nada.</i>
<i>Vivemos de bicos.</i>
<i>Vivemos mais das nossas plantações, caça e pesca.</i>
<i>Vivemos sempre apertados com as despesas.</i>

Fonte: Dados pesquisa-CNPq/FAPEAM-LAPESAM/UFAM-2013.

A maioria dos comentários remete a restrições no que se refere à suficiência dos rendimentos familiares frente às necessidades básicas das famílias. O que pode indicar a

necessidade de proposição de novas políticas públicas para promoção de atividades que favoreçam a criação de atividades econômicas que contribuam para a geração de renda e inserção sócio econômica de segmentos sociais menos favorecidos em termos de acesso à educação básica e profissional.

Conclusão

Da análise da totalidade de dados e informações aportadas pela pesquisa em pauta, derivam-se novos conhecimentos acerca da realidade de vida de habitantes do Amazonas onde destacamos:

- Elevada medida de baixa inserção socioeconômica e exercício da cidadania, considerando as garantias de tratamento igualitário para os brasileiros (artigo 19 da Constituição Federal), uma vez que grande parte dos brasileiros que integram a pesquisa não teve e nem tem acesso à educação básica e profissional, habitação digna, serviços públicos como água tratada, saneamento básico, atenção em saúde em termos de prevenção e tratamento, oportunidade de trabalho e geração de renda, dentro outros;

- No que se refere à consciência ambiental e sustentabilidade, constata-se que boa parte dos participantes demonstra precisão conceitual quanto ao cuidado com os resíduos e utilização das oportunidades de sustentabilidade que o ambiente favorece, com o cultivo de horta e pomares para consumo próprio e comercialização do excedente. Por outro lado, uma parcela significativa dos participantes não apresenta indicadores de consciência ambiental alinhados com as políticas públicas vigentes, o que sugere a necessidade de criação de novas políticas públicas que contribuam para a promoção do desenvolvimento de uma nova consciência ambiental, de respeito aos recursos ambientais com vista à sustentabilidade e qualidade de vida.

-A continuidade da pesquisa contribuirá para ampliar a base de informações associadas às temáticas abordadas, favorecendo novas análises e compreensão da realidade em estudo, em especial no que se refere à consciência ambiental, inserção sócio econômica, qualidade de vida e exercício da cidadania dos brasileiros do estado do Amazonas.

Referências

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Hucitec-Anpocs, 1992.

ABRAMOVAY, R.. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

ALMEIDA, A. W. B. **Os quilombos e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico**. Brasília: MMA, 2006

BRAND, U.; GÖRG, C. Globalización? Desarrollo sostenible como pegamento para el montón de cristalestrizados del neoliberalismo. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v.5, n.2/v.6, n.1, 2003 (não paginado).

CAÑETE, V. R. Nova redenção: uma ruralidade amazônica. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, n. 1, p. 147-178, jun. 2011, ISSN 1516-6481.

FARIAS, E. DE A. JÚNIOR & ALMEIDA, A. W. Etnicidade e urbanidade: a Aldeia Beija-flor. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, n. 1, p. 131-146, jun. 2011, ISSN 1516-6481.

FRANCHI, T.; BURSZTYN, M & DRUMMOND, J. A. L. A questão ambiental e o adensamento da presença do Exército Brasileiro na Amazônia Legal no final do século XX, **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, n. 1, p. 21-41, jun. 2011, ISSN 1516-6481

HOLANDA, N. **Introdução à economia**. 2 Edição. Petrópolis: Vozes, 1980.

MASCARENHAS, S. A. do N. (Coord.). **PROJETO DE PESQUISA: MAPEAMENTO DO CONTEXTO SÓCIO-EDUCATIVO E AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR SUBJETIVO, BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL, RESILIÊNCIA, OTIMISMO E ESPERANÇA DE POVOS E “COMUNIDADES” TRADICIONAIS DO AMAZONAS, ANALISANDO SEUS EFEITOS SOBRE O EXERCÍCIO DA CIDADANIA**. Processo 484218/2011-5. Fomento CNPq 2011-2014, Universidade Federal do Amazonas, IEAA, LAPESAM/UFAM-CNPq, Humaitá, Dados parciais não publicados, 2013.

MASCARENHAS, S. A. do N. (Coord.). **PROJETO DE PESQUISA: MAPEAMENTO DO CONTEXTO SÓCIO-EDUCATIVO E AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL, RESILIÊNCIA, OTIMISMO E ESPERANÇA DE POVOS E “COMUNIDADES” TRADICIONAIS DO AMAZONAS, ANALISANDO EFEITOS SOBRE A CIDADANIA/ INCLUSÃO SOCIO-ECONÔMICA**, Fomento FAPEAM 2011-2014, Universidade Federal do Amazonas, IEAA, Humaitá, LAPESAM/UFAM-CNPq, Dados parciais não publicados, 2013.

SANTOS, Breno A. **Derrotas da globalização na Amazônia**. Disponível em: <http://site-antigo.socioambiental.org/website/parabolicas/edicoes/edicao41/reportag/pg10.htm>- acesso em 1/10/2013.

SOUZA, M. **Breve história da Amazônia**. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

WEINSTEIN, B. **Manaus durante o ciclo da borracha (1875-1920)**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1998.

Recebido em 9/9/2013. Aceito em 15/12/2013.

Contatos:

Suely A. do N. Mascarenhas

Coordenadora de Grupos de Pesquisa UFAM-CNPq e da pesquisa em causa.

Av. 29 de agosto, 786, Centro – UFAM-LAPESAM, CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA, CEP 69800-000, Humaitá, Amazonas

E-mail: suelyanm@ufam.edu.br.

Pesquisadores colaboradores na pesquisa:

Tânia Brasileiro – UFOPA – brasileirovania@gmail.com

Cristian Martins – UFAM-Benjamin Constant – cristian.unb@yahoo.com.br

Gilvânia Braule – UFAM – Benjamin Constant – gilvaniabc@gmail.com

Rosenir Lira – UFAM-Manaus – leponat@hotmail.com

Heron Salazar Costa – UFAM-Humaitá – heron.s.costa@gmail.com

Antônio Roazzi-UFPE- roazzi@gmail.com.